

Desculpa do choque externo faz 8 anos

Estudo mostra que políticas econômicas equivocadas foram responsáveis diretas por crises brasileiras

SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

As crises internacionais – e não foram poucas nos últimos anos – atingiram em cheio a economia brasileira. Mas não podem ser consideradas as únicas e decisivas culpadas pelo cenário difícil enfrentado hoje. Essa é a principal conclusão de um estudo da consultoria Global Invest, que acaba de ser concluído sobre os oito anos de *crash* em diferentes economias espalhadas pelo globo.

No próximo dia 6, precisamente, completam-se oito anos desde que houve a primeira fuga de capitais externos do Brasil por conta de uma crise de confiança in-

ternacional.

– É claro que essas crises tiveram reflexos negativos no nosso país. Dependendo da época, houve aumento de juros, impacto no câmbio, efeitos no nosso risco-país. Mas boa parte do problema também foi culpa direta de nossa política econômica – explica um dos autores do estudo, o economista Paulo Cintra Castilho, analista internacional da Global Invest.

A dependência excessiva de capitais internacionais é que foi, de acordo com o estudo, determinante para influenciar os rumos da economia brasileira nos últimos anos.

– Foi um modelo desgastante e perverso. Uma verda-

deira armadilha. Aumentou nossa vulnerabilidade e contribuiu para inibir nosso crescimento – opina Castilho.

O estudo faz um relato de cada crise – mexicana, em 1994; asiática, em 1997; russa, em 1998; da desvalorização cambial brasileira, em 1999; e a da moratória argentina em 2002. Destaca que os anos 90 foram marcados por um enorme fluxo de capital especulativo de curto prazo, que “voava” de países de economia forte, como os Estados Unidos e da Europa, para os emergentes. Em um primeiro instante, houve melhora nas contas públicas desses países e os programas de controle da inflação foram impulsionados. O problema, observa o analista da Global Invest, é

que o remédio acabou viciando o doente.

– As economias desses países emergentes, como o Brasil, ficaram dependentes do capital especulativo – diz Castilho.

Os impactos sobre a economia brasileira foram diferentes, explica o economista: em algumas vezes, o efeito maior foi nos juros, em outras situações foi no câmbio. A fuga de capitais pode ser observada pelo comportamento das reservas internacionais (*confira o gráfico*).

O analista lembra que na crise cambial de 1999, alguns meses depois, como a economia mundial estava melhorando, a equipe econômica do governo de Fernando Henrique não percebeu que estava sob ameaça e deixou de concluir os necessários ajustes nas contas externas.

– Eles insistiam que o modelo estava certo, que estávamos nos recuperando. É verdade que em 99 chegamos a registrar algum crescimento, mas logo depois vieram os efeitos colaterais do desajuste das contas externas.

Esse preço pode ser sentido ainda hoje. Castilho cita os números das contas externas entre 1995 e 2002. E mostra que o capital externo vi-

nha cobrindo o buraco nas contas que não fechavam.

E que país se recuperou melhor desses tombos? A pesquisa levantou a situação de cada economia hoje, uma fotografia atual. A maioria das economias ainda não se recuperou totalmente, como a russa e a argentina, mas vem do outro lado do planeta o melhor exemplo.

– Os coreanos foram, sem dúvida, os alunos mais aplicados. Eles fizeram o ajuste certo nas contas externas. Tirando o risco de conflito bélico naquela região, no lado eco-

nômico, a inflação está sob controle e o crescimento é expressivo.

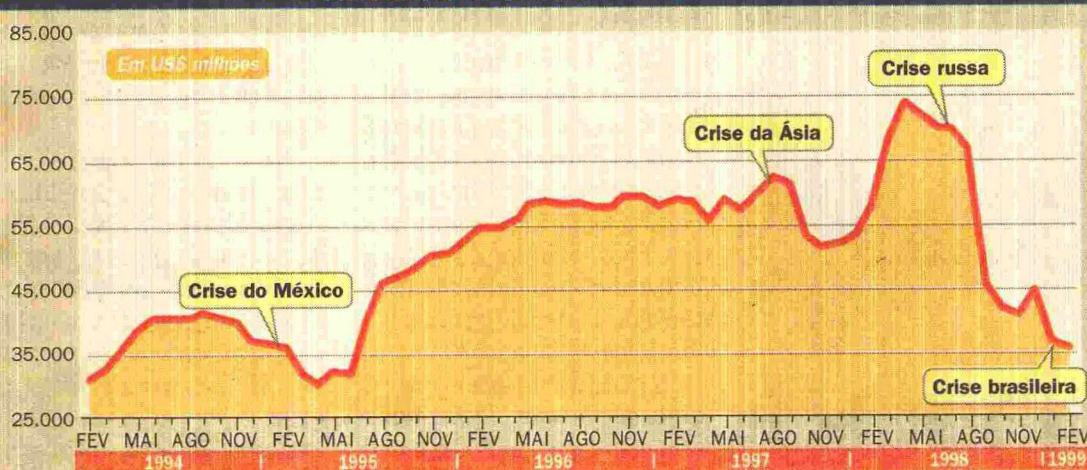
Em relação ao Brasil, o cenário traçado pelo economista da Global Invest não promete ser muito fácil para países emer-

gentes.

– O presidente Lula está certo ao esperar a recuperação econômica pelo lado do mercado interno. Temos que apostar no potencial de nossos consumidores. Caso haja um aumento da renda, teremos um futuro promissor. Não podemos mais é depender tanto do capital externo de curto prazo.

araripe@jb.com.br

RESERVAS INTERNACIONAIS



Arte JB

Fonte: Global Invest